

Brinquedoteca psicopedagógica: uma reflexão sobre as dificuldades escolares

Antonia Cristina Peluso de Azevedo

Doutora em Psicologia pela PUCAMP
Professora e supervisora de Psicologia Escolar
do Centro UNISAL - Lorena e da Universidade de Taubaté
Coordenadora do Curso de Psicologia do Centro UNISAL - Lorena

O sistema educacional brasileiro, em todos os níveis de ensino, tem-se apresentado com graves problemas e conseqüências sociais, entre elas: crianças fora da escola, marginalização e violência, dificuldades de aprendizagem, evasão (GUZZO, 2001). Sem conseguir resolver muitos dos problemas básicos da Educação, entra no século XXI com uma grande quantidade de crianças ainda fora da escolarização. Muitos profissionais da Educação e outros a ela relacionados têm procurado diminuir a incidência desses problemas com intervenções de caráter remediativo, sem garantir as soluções necessárias para o enfrentamento que o futuro exige.

Desde os anos 80, tem-se procurado analisar a história do fracasso educacional no Brasil. Da perspectiva de análise que culpabilizava, no passado, o próprio aluno pelo fracasso, às pesquisas atuais que apontam o sistema escolar e a escola como elementos na construção desse fracasso, o certo é que o problema encontra-se ainda longe de ser resolvido.

A visão mostrada pelas estatísticas e pesquisas que atentam para a dura realidade das mazelas educacionais de nosso país, nos faz enxergar apenas o lado “obscuro” e “negativo” do processo, obstaculizando e cristalizando o nosso olhar, de forma a distanciar-nos da Educação como **movimento**, em que as possibilidades e as

utopias precisam ser visualizadas como alavancas para a transformação.

Deixando um pouco de lado essa realidade que nos assusta e, por isso nos impede de vislumbrar um futuro melhor para os nossos aprendizes e ensinantes, para as nossas escolas, para o nosso povo, vamos movimentar as nossas fortalezas, vamos somar os nossos esforços, vamos refletir a Educação dentro do novo paradigma que o momento exige.

As novas propostas educacionais, baseadas na teoria da complexidade (MORIN, 2000), em que a interdisciplinaridade e a compreensão dialética dos fenômenos histórico-culturais se fazem necessários, exigem a análise da Educação sob um novo prisma, o da esperança, do sonho, da possibilidade de sucesso e conquista, da habilidade em viver e conviver com as diferenças, das novas alianças.

Numa sociedade pautada pela flutuação e precariedade dos sistemas socioeconômico e educativo, pela incerteza e constantes crises, fica clara a necessidade do desenvolvimento de uma linha de pensamento mais positiva, da criação de alternativa de outros espaços e tempos que possam fortalecer a interação humana e trazer perspectivas promissoras de maior auto-realização e de bem-estar social. Segundo NOVAES (1999), a hipótese de transformação do olhar negativo para o olhar positivo em relação aos processos educacionais implica, antes de mais nada, a **parceria**, na qual as aquisições sucessivas encontram-se na articulação entre o singular (individual) e o social (coletivo), tanto na compreensão dos fenômenos, quanto na produção dos saberes. Essa articulação auxiliará a preparar o homem para enxergar o mundo com mais esperança, de forma que ele possa descobrir as suas fortalezas para enfrentar o imprevisível, para dominar códigos e linguagens complexas, para refinar a sua sensibilidade.

Para que essa nova Educação se construa, é fundamental a criação e ampliação de espaços inovadores que possam **promover** e **prevenir** dificuldades no meio escolar, a estruturação de projetos integrados com as demandas sociais, comprometidos com a saúde

mental dos educandos e educadores, com a alegria, a esperança, o sonho, o afeto, distanciando-se da visão patológica, doentia, que cega e intercepta as nossas ações. A Brinquedoteca na escola tem se mostrado um importante espaço de promoção e prevenção da saúde mental escolar.

1. A Brinquedoteca

1.1. O mundo brincava assim...A história do brincar

Qualquer uma das pessoas que tenha tido em casa uma ninhada de cães ou de gatos, pode descrever o que significa brincar na pura e simples sobrevivência da espécie, ou seja, o brincar é um ato cotidiano do ser que cresce. No ser humano esse brincar torna-se mais complexo, porque a vida humana é mais do que mera sobrevivência, ela implica sentimentos e relações que se estabelecem ao longo do tempo, configurando a personalidade e a forma de ser no mundo.

Do ponto de vista histórico, como nos coloca Andrade (1993), até o século XVII, a criança era considerada um adulto em miniatura, não era visualizada com um ser independente, portanto, não tinha um espaço próprio dela, ela fazia parte de uma sociedade com os adultos, compartilhava a vida daquela sociedade. Não havia um espaço próprio para as crianças brincarem. Durante os séculos XV e XVI, elas se misturavam com os adultos nos espetáculos de lutas, de corridas de cães, de jogos de adivinhação, de contar histórias. Brincavam com bonecas, de esconde-esconde, de boliche e até de jogos de azar. Esse conjunto de brincadeiras nasceu da imitação de atitudes e atividades dos adultos.

Entre o século XVII e o XVIII, os conglomerados urbanos começaram a se formar, e as crianças foram alijadas do convívio com os adultos que saíam para trabalhar com os nobres e burgueses. As ruas passaram a ser vistas como local de perdição e violência. Era preciso vigiar as crianças com doçura. Foi nessa época que os

jogos infantis passaram a ser classificados como bons e maus. A ginástica e a educação física foram consideradas jogos bons, e cada vez mais incluídas nas escolas. No final do século XVIII, os exercícios físicos começaram a preparar os jovens para a guerra. As crianças passaram a ter espaços diferenciados de convivência e lazer de acordo com as classes sociais. Os jogos e festas sazonais perderam o sentido coletivo de união para se transformarem em espetáculos vendidos. Os espaços de brincar foram se limitando até se transformarem em pequenas áreas (parques). As brincadeiras passaram a ficar confinadas a esses pequenos espaços.

Nos séculos XIX e XX, com o avanço da industrialização, com a necessidade do trabalho dos pais, com a participação da mulher no mercado de trabalho, os jogos e brincadeiras conjuntas entre pais e filhos, adultos e crianças diminuíram, e o brincar foi reduzido a pequenos espaços onde basicamente se estimulam os movimentos, deixando em segundo plano o pensar. A fantasia limita-se a horas das histórias contadas. O brincar coletivo, a relação lúdica de adultos e crianças e de crianças entre si, os espaços de encontro, praticamente desapareceram. Sem o brincar, a criança “adoece”, e a população passa a sofrer as conseqüências desse adoecimento (violência, drogas, morte...).

Estamos entrando em um novo século na perspectiva de devolver à criança e ao ser humano, através dela, o que lhe é fundamental, ou seja, o DIREITO DE BRINCAR. A Declaração da UNESCO sobre os direitos universais da criança assim como o Estatuto da Criança e do Adolescente atuam legalmente nessa direção. Esse deve ser o compromisso de todos os cidadãos, especialmente dos educadores.

1.2. A Brinquedoteca no mundo e no Brasil

Brinquedoteca é uma instituição que nasceu no século XX para garantir à criança um espaço destinado a facilitar o brincar. É um espaço que se caracteriza por possuir um conjunto de brinquedos

e brincadeiras, oferecendo um ambiente agradável, alegre, colorido, onde mais importante que os brinquedos é a ludicidade que estes proporcionam (CUNHA, 1998).

A primeira idéia de Brinquedoteca surgiu em 1934, em Los Angeles, quando o dono de uma loja de brinquedos queixou-se ao diretor da escola municipal de que as crianças estavam roubando brinquedos. O diretor concluiu que elas agiam assim porque não tinham com o que brincar. A partir desse incidente, iniciou-se um serviço de empréstimos de brinquedos como um recurso comunitário. Esse serviço existe até hoje e é conhecido pelo nome de Toy Loan.

Em 1963, em Estocolmo/Suécia, surgiu a primeira ludoteca para orientação de pais de crianças excepcionais. Em 1967, na Inglaterra surgiram as Toys Libraries (bibliotecas de brinquedos), em que qualquer criança pode escolher os brinquedos e levar para casa. Quase todos os países do mundo contam com a presença de Brinquedotecas.

No Brasil, em 1973, foi criada a Brinquedoteca da APAE, funcionando em sistema de rodízio de brinquedos entre as crianças. Em 1981, foi criada a primeira Brinquedoteca brasileira na escola Indianópolis de São Paulo. Em 1984, foi fundada a Associação Brasileira de Brinquedoteca. Há mais de 250 brinquedotecas associadas. Neste ano encontra-se em andamento o movimento para a criação da profissão de brinquedista.

Como todas as demais instituições estruturadas em função da criança, a Brinquedoteca traz, em seu interior, uma concepção de infância que determina a sua organização, o seu uso, a distribuição do tempo e as atividades por ela proporcionadas, possibilitando dessa forma que a criança aprenda brincando.

1.3. Brincar e aprender - as dificuldades de aprendizagem

Para que se possa entender a relação existente entre a brincadeira, jogos e brinquedos, e sua utilização como instrumento

de identificação, análise e intervenção na dificuldade de aprendizagem do aluno, é necessário, antes de tudo, tentar definir o que se entende por dificuldades ou problemas de aprendizagem, diferenciando-os dos distúrbios que afetam o processo.

Encontrar uma definição clara, precisa, objetiva e consensual do pensamento de vários autores que se dedicam ao estudo das dificuldades de aprendizagem de crianças, tem sido uma tarefa difícil, quer no campo psicológico, quer no pedagógico.

Como nos coloca Azevedo (2002), há um conjunto de estudiosos que utilizam o termo “fracasso escolar” para explicar o fenômeno da incapacidade crônica da escola de garantir o direito à educação escolar, o acesso aos benefícios da escolarização, e a permanência dos jovens na escola, pelo menos até o final do Ensino Fundamental (estudos de Patto, Machado e Souza, Moysés e Collares, Cagliari). Esses estudiosos fazem uma análise do contexto social, e da escola enquanto reprodutora da classe dominante, atribuindo à escola, enquanto engrenagem do sistema social excludente, a etiologia do problema. Um outro grupo de estudos (Fonseca, Pain, Fernandez) prefere o uso do termo “insucesso escolar” para referir-se a desordens que ocorrem no sujeito que aprende, sem deixar de considerar as variáveis ambientais (AZEVEDO, 2002, p.1-2).

O termo “dificuldades de aprendizagem”, contudo, é entendido pelos dois grupos de estudiosos como uma constelação de fatores de natureza sócio-cultural, econômica, familiar, emocional, sem o comprometimento do sistema nervoso central. Quando o sistema nervoso central encontra-se comprometido, podemos afirmar que estamos diante de um distúrbio de aprendizagem. Nesse caso, há a necessidade de acompanhamento neurológico concomitante ao trabalho pedagógico para que as intervenções surtam efeito. As pesquisas nessa área têm demonstrado que entre as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, apenas 5% são comprovadamente portadoras de distúrbios.

Para se trabalhar com as dificuldades de aprendizagem da criança, é necessário ir além do biológico, é preciso avaliar o contexto

social. As crianças desfavorecidas social, cultural e economicamente são também desfavorecidas pedagogicamente (FONSECA, 1981). Nessa perspectiva, o olhar do professor deve deslocar-se para os diferentes ambientes com os quais as crianças convivem, e para as interações e intersecções entre as próprias crianças, entre as crianças e seus cuidadores. A dificuldade não estaria no sujeito ou nos seus cuidadores, mas na qualidade e no conteúdo das relações que mantêm entre si. O estudo do “porquê” da dificuldade escolar cede lugar ao “como”. A Brinquedoteca é um excelente espaço para que o professor e outros especialistas em educação possam avaliar o “como” das dificuldades escolares, através da análise das interações entre a criança, o brincar, e o brincar.

1.4. A Brinquedoteca psicopedagógica

Todos os profissionais que trabalham com crianças sabem da necessidade da existência de espaço e tempo para a criança brincar, comunicar, revelar seus sentimentos e experiências. Essa regra também se aplica ao professor e a escola.

Segundo Bomtempo (1998), o brincar faz parceria com a criança na brincadeira. Ao se observar uma criança brincando (o que escolhe e como brinca), poder-se-á obter uma série de informações sobre a mesma. Na Brinquedoteca, a criança deve ter a oportunidade de contatar com o seu desejo de aprender, de modo que o professor possa compreender e reconhecer o que se passa no seu mundo interno, quais são as suas necessidades e os seus desejos, incluindo os diretamente relacionados à aprendizagem.

Há um modo específico de brincar para cada idade. As crianças pequenas, até quatro anos, preferem os jogos de encaixe, motores, e de construção. No período de sete a onze anos, a criança se interessa sobretudo pelo jogos de regras (ludo, dominó, cartas de baralho, dama, xadrez, são os preferidos). As crianças mais velhas preferem os jogos simbólicos, a fantasia (dramatizações, teatro, faz-de-conta), estão se preparando para assumir a vida adulta.

A forma como a criança brinca revela a sua personalidade e

como está estruturando o seu modo de relacionamento com o mundo. É possível identificar angústias, culpas, ataques e revides, inveja e raiva enquanto a criança brinca. É possível também reconhecer na forma como a criança joga, aspectos cognitivos, ou seja, a sua capacidade de ordenar, seriar, classificar, compreender e utilizar as informações que recebe do meio (BOSSA,1996).

O brincar é uma experiência importante e tem efeitos terapêuticos para a criança, professores e pais. Através da brincadeira pode-se reelaborar cenas vividas através da recriação, para que se possa reagir mais positivamente a novas situações. O brincar produz mudanças de lugares, transforma desprazer em prazer.

No processo diagnóstico na Brinquedoteca, é necessário identificar, através do brinquedo e do brincar, as habilidades cognitivas da criança e a história de sua aprendizagem construída na interface dos vários ambientes com os quais interage: família, escola, amigos (AZEVEDO, 2002).

Para intervir diagnosticamente na Brinquedoteca, é necessário que o educador respeite o desempenho das crianças participando das brincadeiras, não como um invasor, mas como parceiro, compartilhando o momento. É preciso preparar-se para essa função.

1.5. A formação do brinquedista

A relação adulto-criança é o ponto forte da Brinquedoteca como instrumento diagnóstico em crianças com dificuldades escolares. Para atingir esse objetivo, ele precisa de um treinamento, ele não pode ser nem pai, nem mãe, nem professor. Ele tem de estabelecer com a criança uma relação rara, a de presença-ausência na brincadeira. Em alguns momentos deve estar suficientemente distante para permitir que as crianças se organizem e estruturem sozinhas as brincadeiras. Em outros momentos, deve estar consciente de sua intervenção.

O brinquedista necessita questionar-se sempre sobre: se

valoriza ou não as brincadeiras das crianças; quanto tempo permite ou não que as crianças brinquem; como organiza os espaços para as brincadeiras; quais objetos e que condições oferece para que as crianças brinquem; se é capaz de reconhecer e entender os brinquedos que as crianças inventam.

Segundo Andrade (1993), algumas características são fundamentais ao brinquedista: gostar de trabalhar com crianças; ser paciente, entusiasta, determinado; saber respeitar a opinião dos outros; não ter preconceitos e ser promotor da integração na brinquedoteca; gostar de brincar e saber brincar; respeitar os caminhos da criança, seu pensamento; não ter pressa; respeitar a escolha da criança; manter uma relação estreita com os pais; saber entender o significado do brinquedo etc. O importante é o trabalho de equipe e o compromisso com o trabalho.

O brinquedista, antes de mais nada, precisa ser e sentir-se um educador, um especialista em brinquedo com conhecimentos sólidos em psicologia, sociologia e pedagogia. Conhecimentos que sustentem uma visão clara sobre o desenvolvimento infantil, sobre a escola, sobre contextos sociais e sobre as funções e papéis do brinquedo.

A Associação Brasileira de Brinquedotecas, São Paulo, vem promovendo cursos de Formação de Brinquedistas, de forma a garantir uma equipe de trabalho realmente compromissada e consciente com a importância e significado do brincar para a saúde mental das crianças.

2. Brincar, Crescer e Desenvolver

Ao valorizar as atividades lúdicas como uma contribuição a mais nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, valoriza-se também a realidade da Brinquedoteca psicopedagógica, e suas emergentes aplicações no contexto da Educação.

Nas atividades nela desenvolvidas, algumas funções tornam-se particularmente significativas: a **pedagógica**, na medida em que

se pode oferecer ao aprendiz a seleção de “bons” brinquedos e de qualidade; a **social**, possibilitando às crianças pertencentes a famílias economicamente menos favorecidas a utilização e envolvimento com os brinquedos, aos quais, em outras circunstâncias não teriam acesso; a **comunitária**, uma vez que brincar em grupo possibilita a aprendizagem de regras e valores, tais como o respeito, ajuda, cooperação e compreensão com as pessoas; a **comunicação familiar**, reativando as inúmeras formas de jogo no seio da família; a **função diagnóstica**, na medida em que possibilita, além da construção do conhecimento, a simbolização e a representação de vivências, ressignificando a própria história.

É na brincadeira que a criança aprende as regras de convivência social, além de ser um dos processos educativos mais completos, pois envolve o emocional, o corporal e o intelectual da criança. Permite também desvincular o brinquedo da questão do consumo, estimulando a vivência social coletiva.

Ao longo do processo de desenvolvimento, as crianças brincam de diferentes maneiras. Podem brincar sozinhas ou em grupo. Quando muito pequenas preferem brincar sozinhas ou em pequenos grupos. Podem brincar ao lado de outras crianças, sem, contudo, estarem envolvidas no mesmo brinquedo. As crianças mais velhas organizam-se em grupos maiores para as brincadeiras e, em geral, brincam de forma a desenvolver atividades iguais e semelhantes (AZEVEDO, 2002).

Inicialmente, nos primeiros anos de vida, a criança brinca de forma repetitiva em relação aos objetos para que possa dominar as suas qualidades. A partir dos quatro anos já faz uso do faz-de-conta, o jogo imaginativo que prepara para a entrada no mundo dos adultos. Esse, ao longo dos anos, vai tornando-se mais complexo e duradouro.

A passagem de um papel passivo para um ativo é o mecanismo fundamental da maioria das atividades lúdicas, o que possibilita que a criança torne-se melhor preparada para assumir os diferentes papéis que a vida adulta exige. Esse aspecto é bastante privilegiado no espaço da Brinquedoteca.

Durante o século XX, os movimentos de direitos humanos, anteriormente voltados para os adultos, estenderam-se para as crianças. O primeiro documento sobre proteção à infância, intitulado “Declaração dos Direitos da Criança”, foi promulgado em 1924 pela Sociedade das Nações. Em 1990, celebra-se em Nova York a chamada Cúpula Mundial da Infância, surgindo daí a “Declaração Mundial sobre a Sobrevivência, Proteção e Desenvolvimento da Infância” (IZQUIERDO, 1991).

Nesse contexto, houve a atenção sobre os fatores psicológicos que promovem a saúde mental infantil e que afetam o desenvolvimento cognitivo, social, emocional das crianças. A partir desse pensar, declarações sobre os direitos universais da criança foram sendo legalmente regulamentados em diversos países. O brincar enquanto elemento de lazer é **direito** assegurado às crianças.

No Brasil, pela Lei 8069 de 13/07/90, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, encontram-se descritos como direitos fundamentais: direito à vida e à saúde, direito à liberdade, ao respeito e dignidade, direito à convivência familiar e comunitária, direito à educação, à cultura, ao esporte e **lazer**, direito à profissionalização e à proteção ao trabalho.

Portanto, trazer, além da criança, os professores e os pais para “dentro” da Brinquedoteca, para o lazer saudável e acompanhado, permite o atendimento aos direitos da criança, além de conhecer os diferentes caminhos que envolvem as questões relacionadas aos impasses do aprendizado escolar.

A escola do futuro não será uma escola tecnológica, mas um espaço institucional em que alunos e professores possam-se desenvolver, aprender prazerosamente uns com os outros. Um espaço em que a motivação para aprender supere o currículo proposto, em que diferenças e necessidades individuais possam ser atendidas em seu contexto.

Nesse novo enfoque, espera-se que o profissional esteja mais preocupado com a prevenção e promoção da saúde e do bem-estar coletivo, estruturando atividades que possibilitem aos estudantes

obterem sucesso. Será preciso que o educador redescubra o paradigma da **pedagogia positiva**. Sair do contexto da doença para o da saúde; do fracasso para o do sucesso; dos distúrbios e dificuldades para o das possibilidades, competências e qualidades; do paradigma da tristeza para o da alegria, da exclusão para o da inclusão; do desamor para o do amor; do abandono e descrença para o do acolhimento e afeto. A Brinquedoteca pode ser um dos instrumentos desse novo olhar.

Podemos em muitos momentos visualizar a Educação como uma “caixa negra”, em que muitos aspectos encontram-se distantes de nosso alcance e compreensão. Porém ela também pode ser vista de uma outra forma, como a “caixa de Pandora”, em cujo interior sempre permaneceu a esperança. Basta apenas uma mudança no olhar.

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. M. R. J. O mundo brincava assim... A história do brincar. Palestra realizada pela Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança/ SESC, 30 de março de 1993.

AZEVEDO, A. C. P. de. *Brinquedoteca como estratégia de diagnóstico e intervenção em dificuldades escolares*. Campinas, 2002, 207 p. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

BOMTEMPO, E. Brinquedoteca: espaço de observação da criança e do brincar. In: FRIEDMAN, A. et al. *O Direito de brincar*. 4. ed. São Paulo: Scritta, 1998.

BOSSA, N.A.; OLIVEIRA, V.B. *Avaliação Psicológica da Criança de Sete a Onze anos*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, N. H. S. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no Mundo. In: FRIEDMAN, A. et al. *O Direito de brincar*. 4. ed. São Paulo: Scritta, 1998.

FONSECA, V. *Uma Introdução às Dificuldades de Aprendizagem*. Lisboa: 1981.

GUZZO, R. S. L. Saúde Psicológica e eficácia da escola: Desafios do novo milênio para a Psicologia Escolar. In: DEL PRETTE, Z. A. P. (org).

Psicologia Escolar e Educacional. Saúde e Qualidade de Vida. Campinas: Alínea, 2001.

IZQUIERDO, C. Los derechos del niño de las palabras a los trechos. *Revista Niños*, vol. XXVI (72) p. 11-15, 1991.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro.* São Paulo: Cortez, 2000.

NOVAES, M. H. A convivência em novos espaços e tempos educativos. In: GUZZO, R. S. L.(org). *Psicologia Escolar: LDB e Educação Hoje.* Campinas: Alínea, 1999.